

TECNOCIÊNCIA: O NOVO MODELO DE INDIVÍDUO

Ronaldo da Silva Miranda*

Marcos Paulo Shiozaki

A velocidade com que a ciência se desenvolveu sugere que ela está à frente daquilo que um humano é capaz de acompanhar. No século XVI, a ciência moderna renovou as esperanças da sociedade com fartas promessas de felicidade, porém, já no século XXI, a insatisfação persiste em meio aos avanços tecnológicos.

O presente trabalho tem sua origem na reflexão sobre a publicação de Paula Sibilía (2002). A partir daí pode-se verificar que muitos autores refletem sobre a tendência fáustica da ciência contemporânea. Essas publicações nos chamam a atenção para refletirmos sobre os limites da prática tecnocientífica aplicada ao ser humano. Embora a maioria dos trabalhos tenha focado na questão do controle do corpo, este tem por objetivo discutir as possíveis transformações da subjetividade, pois essa aparente disposição para mudança do paradigma do ser e da própria ciência, dá-se frente à possibilidade da tecnologia superar os percalços carnis que a nossa espécie está sujeita.

Para realizar esse trabalho, faremos uma análise se utilizando da mitologia e do método psicanalítico como parâmetros para compreender ciência e subjetividade. Compreender por esses vieses se torna relevante, pois entendemos que a ciência trata-se de uma instituição social, e conseqüentemente obedece a leis gerais inconscientes “que governam as complexas relações entre um artefato cultural e a sociedade na qual ele é criado” e, portanto, são passíveis de interpretação pela psicanálise (Mezan, 2002, p. 67). As leis gerais podem ser ilustradas por mitos, e estes dão conta de que o indivíduo se constitui pelo conflito. Freud, ao descobrir que os abusos relatados pelos pacientes eram fantasias, realiza estudos antropológicos e encontra a solução para o problema nos mitos, então conclui que “existem na psique humana conteúdos universais e independentes de variáveis como a época, o lugar ou a formação social” (Mezan, 2002, p. 63). Assim sendo, conseguimos superar o problema de relacionar acontecimentos psíquicos atemporais à tendência atual de mudanças no paradigma científico fáustico, pois o mito possibilita rever e projetar os acontecimentos futuros.

A mitologia grega relata que a raça humana havia sido criada e recriada pelos deuses imortais, perfazendo o total de cinco gerações, a terceira (geração de bronze) tinha uma vida difícil, não controlava a natureza, comia todo tipo de alimento cru e habitava em cavernas ou tronco de árvores. Prometeu (um titã), com intenção de ajudar, tomou a chama dos deuses e entregou aos homens e, estes, ao aprenderem as técnicas, se ensoberbeceram. Zeus, descobriu que havia sido entregue o fogo a eles, e com medo de ser destronado, resolveu acabar com todos. Entretanto, Prometeu, que já havia sido advertido por ajudar os homens, tornou a desacatar Zeus por mais duas vezes, por isso foi condenado a ficar acorrentado em um penhasco e ter uma porção de seu fígado devorado por uma águia diariamente (Stephanides, 2001).

Cabe apontar que o mito de Prometeu é reconhecido como a metanarrativa da ciência moderna. Diel (1991) interpreta que a ousadia em tomar o fogo dos deuses representa a revolta contra o modo mítico de conceber o universo.

Ao realizar uma retomada histórica, obtém-se a informação de que no século XV, as crenças divinas orientavam os conhecimentos, e a ciência não era pensada como uma instituição separada do misticismo e da filosofia. Mas, em 1543, Copérnico expõe a teoria do Heliocentrismo, afirmando que a Terra não é o centro do universo, mas apenas um ponto insignificante ante uma imensidão inimaginável (Berger, 1968). Descartes (1596-1650) como precursor da nova ordem, realiza um discurso filosófico com objetivo de superar as ideias especulativas: a proposta era que tudo o que fosse passível de dúvida deveria ser rejeitado.

No século XVIII o universo passa a ser visto como uma máquina funcionando como um conjunto de engrenagens e conseqüentemente o homem, como parte do universo, também assim é concebido. Nasce o sonho iluminista de construir o humano a partir dos pressupostos mecânicos (Braga, Guerra, Reis, 2005).

As dúvidas permeavam a sociedade, e o anúncio da teoria darwiniana na metade do século XIX abala profundamente todos os pilares culturais ao afirmar que o humano era parente distante dos simiescos. Além da teoria, o trabalho de Darwin, por sua consistência contribui para a solidificação do método investigativo, pois ele havia partido de uma hipótese e por meio das deduções expunha os argumentos. Pouco tempo após a publicação do livro “A

origem das espécies”, Mendel divulga a descoberta de que as características são hereditárias (Ronan, 1997).

Diante das descobertas, parece não haver restado ao homem, alternativa que não fosse a de consentir com fatos irrefutáveis. O resultado disso é que “[...] embora a ciência houvesse, de certa forma desmistificada a religião, a humanidade passava a se curvar ante nova deusa: a própria ciência” Morais (citado por Tomanik, 2004).

Diante disso, podemos citar que Prometeu é um “herói civilizador, já que o fogo está na origem da metalurgia e, por conseguinte, da vida civilizada” (Julien, 2005, p. 180). Ao civilizar-se o homem afasta-se da vida pulsional. Freud ([1927] 2006) explica que a civilização está relacionada ao controle da natureza, não apenas do ambiente que o cerca, mas também da própria natureza, e nesse caso, o processo civilizatório é intermediado por uma divindade que estabelece limite para trabalhar com o fogo.

O processo da passagem da ciência medieval para a moderna, nada mais é que um novo processo civilizatório que se dá em outro patamar de consciência em relação aos primitivos, contudo, a subjetividade é transformada diante da situação complexa que se apresenta. Embora as descobertas tenham restringido o crédito do misticismo, este continuou a existir, ainda que sob o disfarce de explicações metafísicas, pois a chegada do fogo não eximia o humano do sentimento de finitude. Esse é o motivo do respeito por Zeus, o medo do desamparo, pois o homem ainda não encontra argumentos consistentes para suportar o desamparo ante o desconhecido.

Se os princípios e finalidades da ciência eram humanos, os limites da mesma também o eram. O romance de Mary Shelley (2009) fala do cientista Victor Frankenstein, que tentou construir um humano, mas o resultado final é uma catástrofe, pois a criatura se vira contra o criador que acaba morrendo. Neste romance pode-se observar o desejo e medo do humano em desvendar a criação.

O romance apresentado se mostra relevante para se pensar sobre a ciência. Entretanto, a tragédia que será mostrada a seguir atravessou o tempo e se firmou como um mito da tecnociência. Existem várias versões para o conto, mas o comum em todas as histórias, é que a trama gira em torno de Fausto, o protagonista, que ora é narrado como médico, outra é

descrito como um cientista desiludido com os resultados de sua ciência, que então faz um pacto com o diabo na tentativa de ser bem sucedido e viver no prazer infinito (Sibilia, 2002).

Esse mito apresentado se mostra relevante, já que se percebe que Fausto não teme o diabo, ou seja, uma ciência com essa denominação parece não ter limites.

De acordo com Ronan (1997) os fatores que contribuíram para o progresso da ciência dos últimos três séculos são: o grande número de pessoas que tem se interessado pela área e os aparelhos sofisticados que auxiliaram na coleta e processamento dos dados.

Os fundamentos da tecnociência são: as telecomunicações, a informática e a biotecnologia. Enquanto a prática prometeica (ciência moderna) esbarra no limite do corpo humano, a fáustica (tecnociência) vê o corpo como um obstáculo à evolução que deve ser superado a qualquer preço. A proposta inicial da tecnociência é a hibridização do corpo, de modo que suas capacidades sejam potencializadas, os planos futuros são voltados à superação da condição humana pelo controle da vida e da morte (Sibila, 2002).

O argumento fáustico para a instauração do novo paradigma é que: a ciência moderna não procura desvendar a verdade, pois foi concebida para fins de dominação, portanto o único interesse da ciência prometeica é conhecer os fenômenos para exercer o controle (Martins, citado por Sibilia, 2002).

De fato os argumentos expostos pelos arquitetos da tecnociência são bastante contundentes, pois logo após o surgimento da ciência moderna, começa a ascensão burguesa e com o advento do capitalismo, o conhecimento passa a status de informação.

Para Lyotard (2009) as informações ocupam o espaço das metanarrativas, pois ao olhar para a história conclui-se que todas as ideologias já experimentadas não se mostraram eficazes, portanto o que acaba interessando é o presente. Dentro desta sociedade carente de metanarrativas, as subjetividades são produzidas, os indivíduos são capturados inconscientemente pela indústria cultural que produz padrões a serem consumidos (Caniato, 2009).

Frente ao debate de Fausto e Prometeu, um terceiro mito parece apontar para a solução do problema de mudança de paradigma. Dédalo e Ícaro eram inventores que se diziam ajudados por Atena, deusa da sabedoria e, a pedido de Minos, governador de Creta, construíram o labirinto para que quem entrasse ali jamais saísse. Nesse labirinto ainda,

continha o minotauro. Porém, Dédalo ajudou Teseu a abater o minotauro e, conseqüentemente, o rei ficou irado e colocou pai e filho presos no labirinto. Os dois precisavam encontrar a saída e fugir de Creta. Dédalo diz: “A escravidão é difícil de ser suportada, mas para um artista é dez vezes pior”. Seu filho Ícaro comenta que só os pássaros são livres, pois os deuses não deram asas aos homens, mas sim cérebro. Então, eles tiveram a ideia e montaram asas com penas levadas pela rainha e conseguem fugir da ilha, porém apenas Dédalo consegue sobreviver, pois respeitou a altitude do voo, não tão próximo do Sol que derretesse a cera e nem tão próximo do mar que encharcasse as penas (Stephanides 2001, p. 152).

Diante disso, conclui-se que o saber fragmentado é como estar aprisionado no labirinto. Estar perdido no labirinto é ignorar a si mesmo. Assim como na adversidade, Dédalo construiu asas e alçou voo sobre o labirinto, acreditamos que o saber transdisciplinar pode transformar as subjetividades. Morin (2003) propõe a construção da transdisciplinaridade como superação do saber fragmentado, já que, segundo ele, devemos nos posicionar de modo que vejamos entre, através e além do objeto da ciência. O primeiro passo para superar os debates das ciências prometeica e fáustica, é a revisão dos processos secundários que atualmente ocupam espaços primários. Podemos pensar que esses processos secundários eram as técnicas e que atualmente se apresentam em forma de mercadoria tecnológica.

Referências

Berger, M. (1968). *Triunfos da ciência moderna*. Rio de Janeiro: Record.

Braga, M., Guerra, A., Reis, J. C. (2005). *Breve história da ciência moderna: das luzes ao sonho do doutor Frankstein*. Rio de Janeiro: Zahar.

Caniato, A. M. P. (2009). Os descaminhos em psicanálise: a busca da compreensão da subjetividade e de seu sofrimento na contemporaneidade. In Tomanik, E. A., Caniato, A. M. P., Facci, M. G. D. *A constituição do sujeito e a historicidade*. (pp. 167-218). Campinas, SP: Alínea.

Descartes, R. (1987). *Discurso do método*. (J. Guinsburg, Trad.). São Paulo: Nova cultural. (Trabalho original publicado em 1637).

Diel, P. (1991). *O simbolismo na mitologia grega*. São Paulo: Attar.

Freud, S. (2006). *O futuro de uma ilusão*. (Edição standard brasileira das obras completas de Sigmund Freud, Vol. 21). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1927).

Julien, N. (2005). *Dicionário Rideel de mitologia*. (D. R. Vieira, Trad.). São Paulo: Rideel.

Lyotard, J. F. (2009). *A condição pós-moderna*. (R. C. Barbosa, Trad.). Rio de Janeiro: José Olympio.

Mezan, R. (2002). *A vingança da esfinge: ensaios de psicanálise*. São Paulo: Casa do Psicólogo.

Ronan, C. A. (1997). *História ilustrada da ciência: a ciência no século XIX e XX*. Rio de Janeiro: Zahar.

Shelley, M. (2009) *Frankenstein*. (R. Castro, Trad.) São Paulo: L&PM. (Trabalho original publicado em 1918).

Sibilia, P. (2002). *O homem pós orgânico: corpo, subjetividade e tecnologias digitais*. Rio de Janeiro: Relume Dumará.

Stephanides, M. (2001). *Prometeu, os homens e os outros mitos*. (M. P. Michael, Trad.). São Paulo: Odysseus.

Tomanik, E. A. (2004). *O olhar no espelho: conversas sobre a pesquisa em ciências sociais* (2a ed. rev.). Maringá, PR: Eduem.